



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A.2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa — Telefone 5338 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM MOVIMENTO GRANDIOSO

A greve dos ferroviários do Estado

Numa reunião imponente patentea-se a decisão dos grevistas em prosseguir na luta até à vitória

Entre as várias lutas que a organização operária portuguesa tem empreendido nos últimos tempos, destaca-se, como um movimento de máxima grandeza, a greve dos ferroviários do Estado. Esse movimento gigantesco que interessa doze mil operários e perturba um dos mais importantes serviços públicos dura há mais de dois meses. Do excepcional prolongamento desta greve resultaram já prejuízos incalculáveis para a vida nacional. O material das linhas do Estado, especialmente o do Sul e Sueste, está danificado na sua maior parte, a pontos de já quasi não admitir reparação. As locomotivas, entregues a inexperientes mãos inábeis de militares, inutilizaram-se para o serviço, de caldeiras queimadas umas, incapazes de marchar outras, porque uma máquina é tanto mais delicada e susceptível quanto mais complicada e perfeita se mostra, porque uma máquina tem fisiologia complexa, nem sempre facilmente desvendável aos olhos dos leigos, necessário sendo em certos casos tratá-la durante meses aturados, para domar-lhe as perreiras, para iludir-lhe os caprichos, para, em suma, submeter aquele organismo de ferro, adaptando-o a todas as necessidades da sua função. A via também por sua vez se desmantelou, as travessas apodrecendo, dando folga aos rails, que perdem a paralelidade e a fixidez (o tem sido esta a causa do mil e um desastres), pois os trabalhos de conservação do material foram suspensos, e tudo o que se tem feito a outro fim não visa senão o de iludir o público, fazendo-lhe crer numa normalização para cuja apreciação já muitos elementos aqui temos consignado. Para mais, os valores que se encerram em todas as repartições da actividade ferroviária, confiados a não-profissionais sem escrúpulos, vão desaparecendo progressivamente. Aquelas peças, em cobre e ferro, facilmente desmontáveis, tem ido passando das locomotivas para as lojas de ferrovelho. Reduzidas a sucata, roubadas e vendidas a peso as peças vitais das máquinas, muitas das quais a indústria nacional é incapaz de fabricar! Desta maneira, o caos alastra e mais se aprofunda em cada dia que passa, toda esta criminosa obra promovida por governantes que estão seguros da impunidade, e procedem desavairadamente, como lhes dá na gana, obedecendo a inconfessáveis conveniências, sem receio de que o povo, o soberano, os faça sentir um dia no banco dos réus, para ouvir ler a sentença condenatória a que os seus feitos dão já.

O governo, os dois governos em cuja vigência esta esforçada luta se prolonga, preferiram recorrer a mais infames e violentos processos, antes de tomar a atitude conciliatória que lhes competia e corresponderia à disposição de espírito dos grevistas, sempre prontos a entrar em negociações e a pôr termo ao movimento, desde que a sua dignidade e os seus interesses legítimos ficassem salvaguardados. E de crer que nem um só momento pensassem os ministros em analisar as reclamações dos ferroviários, para as atenderem se elas se mostrassem dignas disso, para as indeferirem mesmo, justificando o indeferimento, se elas se mostrassem realmente privadas de razão e de justiça.

«Sorja exageradas as reclamações dos grevistas? Todos sabem que não. Os ferroviários ganhavam uma miséria, e uma miséria fariam ganhando mesmo que lhes dessem o aumento reclamado. Mas o governo, desprezando os direitos de 12.000 trabalhadores, opõe-se à justiça, calca o bom senso aos pés, procede como um soba absoluto, prende, espanca, persegue, tortura, exorbita, sem apresentar uma explicação, sem cuidar de justificar a sua obstinação. As ilegalidades já não tem conto. As violências já não tem classificação. Nas prisões de S. Julião da Barra, entregues ao poder militar, encontram-se ferroviários, cujo único delito consiste em haver abandonado o trabalho. E a infâmia prossegue, e os dinheiros públicos, não chegando para satisfazer as reclamações dos ferroviários, chegam para custear dispendiosas comissões no estrangeiro, encher a pansa dos apadrinhados, e sustentar uma legião crescente de parasitas.

Uma imponente reunião dos grevistas

Os ferroviários do Sul e Sueste resolvem dar um voto de confiança ao Comité dirigente, mantendo-se em greve até final solução do conflito e fazendo categóricas afirmações sobre o caminho a seguir perante a atitude do governo

Num vasto campo dos arredores de Lisboa, reuniram, pelas 18 horas de ontem, os ferroviários do Sul e Sueste, a fim de, pelo Comité Dirigente, lhes ser directamente comunicada a marcha do conflito e a atitude manifestada pelo governo do sr. Liberato Pinto, no dia de respeito à solução da greve. Com uma numerosa assistência de grevistas de todas as categorias, de Lisboa, e com representantes do pessoal do Barreiro, foram pelo Comité Dirigente, prestadas as explicações claras e precisas que a situação exige, tendo demonstrada a incompreensível atitude do actual ministro do comércio, que quando do governo Alvaro de Castro se achava disposto a dar uma solução honrosa à greve, chegando mesmo a declarar que não tinha dúvida em suspender os decretos publicados pelo governo. Granjeou, por necessidade, uma conscienciosa revisão, visto conterem matéria atribulada, ali introduzida em absoluta contradição com o espírito das leis gerais do país e até com a própria constituição da República, mandando agora uma atitude diversa, quer ter deixado influenciar pelas erradas informações de Raúl Esteves e os membros do Conselho de Administração. Também pelo Comité foi exposta a intenção do ministro do comércio, de Raúl Esteves e do Conselho em premerem esmagar os ferroviários, levando-os a assinar umas condições verga e deprimidas, ou a fazer a sua derrota, sem condições. Ainda o Comité demonstrou o desejo que o animo em que a esperança de Raúl Esteves, que confia na apresentação do pessoal ferroviário, hoje, segun-

amarelos, mesmo daqueles que tem feito apresentações depois de declarado o movimento, a fim de serem devidamente recompensados, quando o pessoal em greve retomou o trabalho.

Um outro grevista, depois de ter analisado a situação e as disposições da classe ferroviária perante a atitude do governo, e sobretudo, as consequências que para o país resultariam, se os ferroviários entrarem para o serviço com a impressão de terem perdido o movimento, propôs que ao governo fosse declarado que os ferroviários, respeitando a dignidade do poder, darão todas as garantias para uma rápida normalização de serviços, desenvolvendo dos serviços ferroviários e aumento de produção relativo, se o governo atender as condições últimas que o Comité, por intermédio de quaisquer individualidades, apresentar, para a solução imediata do conflito. Esta proposta teve também a aprovação unânime da assembleia.

Todos os ferroviários, categorizados ou não, firmaram pessoalmente a disposição em que se encontravam de continuar em greve, não fazendo nem requerimentos nem apresentações, sem que o Comité dê o movimento por terminado.

Por último, o Comité expôs os trabalhos que se acham encetados para que a greve tenha uma solução imediata, do que a assembleia tomou conhecimento, apoiando a atitude e a energia do mesmo Comité.

Quando se realizava a reunião, foram recebidas notícias de Casa Branca e Beja, onde o pessoal se continua a manter firmemente e na mesma disposição do pessoal de Lisboa e Barreiro.

Antes de terminar, a assembleia aprovou por aclamação e por entre o mais vivo entusiasmo, a seguinte moção:

«O pessoal ferroviário do Sul e Sueste, reunido em Lisboa, no dia 5 de Dezembro, tendo tomado conhecimento da marcha das negociações do seu movimento grevista deliberou:

- 1.º — Ratificar o seu apoio incondicional ao Comité Central.
- 2.º — Continuar na luta sem desfalecimentos até que o Comité dê por finda a sua missão.
- 3.º — Saudar os seus camaradas do Minho e Douro, pela firmeza em que se tem mantido.
- 4.º — Protestar contra todas as violências de que tem sido alvo os valerosos camaradas que se encontram a ferro, e bem assim contra as notícias tendente a desmoralizar o pessoal grevista, publicadas pela imprensa burguesa.

União dos Sindicatos Operários

Conselho de Delegados

Sob a presidência do delegado efectivo do sindicato do Pessoal da Carris de Ferro, reuniu ontem este Conselho, a fim de se ocupar mais uma vez da greve ferroviária do Estado.

No expediente figuram: Uma carta do segundo secretário da mesa do Conselho, que é tomada em consideração; um officio do sindicato dos Distribuidores de Jornais, há pouco tempo reorganizado, nomeando delegados os camaradas Raúl Neves Ferreira, efectivo, e André dos Santos Rocha, suplente; um officio do sindicato dos Impressores Tipográficos, em que comunica o pedido de demissão do delegado efectivo a este organismo, passando a efectividade do delegado adjunto até ao final do presente ano; um officio do Sindicato do Pessoal da Carris de Ferro, comunicando o pedido de aumento de salário que fez à respectiva Companhia e as demarches que tem realizado no mesmo sentido, e em que a classe se mostra disposta a fazer vingar as mesmas reclamações, sendo tomado na devida consideração depois de ao mesmo se referir o respectivo delegado; e um officio do Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional, convidando a União a fazer-se representar na sessão solene do seu aniversário que ontem se realizou, sendo nomeado o camarada Alberto Monteiro.

Na ordem dos trabalhos, discutiu a greve ferroviária, ainda latente, tomando o Conselho conhecimento, pelos seus representantes ao Conselho Confederal da C. G. T., dos trabalhos realizados pela central da organização em prol da mesma classe na luta gigantesca que tem sustentado. Aprecia-se a circular n.º 8 da Confederação Geral do Trabalho, concordando o Conselho com a mesma, para o que nomeou uma comissão que, conjuntamente com a comissão administrativa, trabalhará no sentido de lhe dar execução, para o que hoje encetando as necessárias demarches.

Reunião preparatória

Para o mesmo efeito realiza-se hoje na sede deste organismo, pelas 20 horas, uma reunião preparatória para um comício público a efectuar na próxima quinta-feira, em local ainda não designado, onde será apreciada a greve ferroviária e a conduta dos governantes perante o mesmo movimento, conduzida essa que, como é do conhecimento público, está prejudicando muitíssimo a economia do país.

ÓDIO... LEGAL

A questão dos contratados

Elementos para a história da Caixa Geral dos Depósitos

Como fins não difíceis de adivinhar, a C. G. D. pretende agora ser elevada à categoria de Banco Nacional. Este desejo dos administradores está sendo particularmente favorecido, pela atitude do Banco de Portugal quando faz conhecer ao governo o propósito em que se encontra de não aceitar a modificação dos contratos para as novas emissões.

Ser-nos-ia indiferente o facto se a forma como actualmente procede a C. G. D. não nos fosse motivo mais do que bastante, por que pudéssemos avaliar como ela proceda no futuro.

A C. G. D. é instituição autónoma em sua administração, e deixa de ser quando assim lhe convém. Por outras palavras: Trata-se dos interesses dos contratados, a C. G. D. é autónoma e como tal, não tem os seus contratados — possuindo embora diploma de funções públicas — qualquer espécie de direito a melhoria de situação; mas se estão em causa os interesses do Conselho de Administração, então... e é assim, por este critério, que tendo sido publicado o decreto n.º 4.056, de 6 de Abril de 1918, concedendo uma subvenção de 15500 ao funcionalismo com ordenados inferiores a 30500, os contratados da C. G. D., nessas condições, não beneficiaram do mesmo decreto pela razão de que não são empregados do Estado, mas sim do Conselho de Administração; não obstante, como existissem já, à data da publicação do decreto, dois administradores contratados, esses — os administradores — recebiam a subvenção!

Felizmente, o Conselho de Administração é amigo (!) do pessoal, e por isso... manda abonar a alguns a referida subvenção!!

Continua a história: Foi publicado o decreto n.º 6.448, de 13 de Março de 1920, e como esclarecimento, a circular n.º 1057 de Abril do mesmo ano; «pois ainda» com o mesmo fundamento «os contratados» da C. G. D. «foram excluídos da participação» nesse decreto ou fosse da «ajuda de custo de vida» de 40500.

Oh! Mas palpitavam de amor... pelos contratados, aqueles corações dos administradores... e assim... mandaram abonar: 10500 a uns, 15500 a outros. Mais tarde, mandou elevar esses abonos a 205, 305 a 40500, continuando o 0 para outros.

Prosegue a história:

Vem ultimamente o decreto 7.035 de 16 de Outubro de 1920 que, por não satisfazer em absoluto o zelo administrativo dos altos funcionários do Estado e nomeadamente o Conselho de Administração da C. G. D. foi suspenso e substituído pelo decreto 7.083, de 4 de Novembro de 1920, tendo então o Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos conseguido a inclusão de um § único no artigo 9.º para excluir da partição do mesmo o pessoal contratado da C. G. D.!!!

Mas afinal, os contratados são ou não são funcionários do Estado?

Sessão funcionários porque são excluídos? Se não são funcionários que necessidade pode haver de os excluir de um benefício a que não tem direito?

Analisemos os ordenados das diversas categorias de contratados:

Segundos praticantes

Vencimento à data do decreto	70800
Ajuda de custo de vida	30500
30 % sobre os vencimentos	30500
Soma	130800

Serventário

Vencimento à data do decreto	50800
Ajuda de custo de vida	20500
30 % sobre os vencimentos	21500
Soma	91800

Filís de tesouraria

Vencimento à data do decreto	125500
30 % sobre os vencimentos	37550
Soma	162550

Delegados de tesouraria

Vencimento à data do decreto	100500
30 % sobre os vencimentos	30500
Soma	130500

Cobrador

Vencimento à data do decreto	80530
30 % sobre os vencimentos	24500
Soma	104530

Confronto com os ordenados dos funcionários do quadro, e respectiva diferença em prejuízo dos contratados:

Um serventário do quadro	145500
Idem, contratado	91800
Diferença para menos	54500

Um 2.º praticante do quadro	165800
Idem, contratado	130500
Diferença para menos	35300

Um fil de tesouraria do quadro	225500
Idem, contratado	162550
Diferença para menos	62550

Um delegado de tesouraria do quadro	190500
Idem, contratado	130500
Diferença para menos	60000

Um cobrador do quadro	180500
Idem, contratado	104530
Diferença para menos	75970

«Tem os funcionários do quadro qualquer culpa? Não.

«Os contratados compreendem o direito que a todos assiste, mas revoltam-se a uma distinção estabelecida pelo C. G. D. a favor da lei, com desprezo da lei, contra a lei. Revolta-os que esta distinção seja estabelecida, por criaturas que percebem a módica quantia de 12.000\$000 por ano, como recompensa de... nada fazerem.

COISAS DA RÚSSIA

Opiniões de Wells

No *Progrès Civique* vem Wells publicando uma série de artigos onde consigna as impressões da sua recente estada na Rússia. O conhecido romancista inglês, com a preocupação única de apontar a verdade, pinta a vida em Petrogrado, com cores bastante sombrias. Mas dá também as razões deste abatimento social, em termos muito expressivos:

«Antes de falar detalhadamente do governo bolchevista, permitam-me que diga desde já que a desolação da Rússia actual não é de modo nenhum, o resultado de ataques contra um bom sistema social, batido violentamente por uma força maliciosa — antes manifestam bem os estragos e a decadência dum sistema que era deficitoso.

«Não foi o comunismo que construiu essas cidades monstruosas onde a vida, sempre precária, pode dum momento para o outro tornar-se impossível em consequência dum crise qualquer. Foi o capitalismo que os edificou.

«Não foi o comunismo que mergulhou numa horrível guerra de seis anos este imenso império ameaçado de falência, de cujo sinistro desconjuntamento o mundo inteiro se apercebe há muito tempo. Esta guerra nasceu do imperialismo europeu.

«Também não foi o comunismo que, após o termo da grande guerra, continuou a provocar sem descanso a Rússia sufocadora — moribunda talvez — associando bandos de invasores, promovendo insurreições, e infligindo-lhe este odioso bloqueio de carrascos.

«Os credores vingativos da França e os imbecis jornalistas da Inglaterra são bem mais responsáveis da desordem e dos sofrimentos russos que o mais fanático dos comunistas. Mas eu referir-me hei de novo a estas questões, mais amplamente ainda, quando tiver descrito a Rússia tal como me foi dado vê-la no decorrer da minha visita.

«Só quando se começa a fazer uma ideia da real extensão do abatimento moral e material da Rússia é que se pode compreender e julgar, consoante os seus méritos, o governo bolchevista.

Wells fala depois dos intelectuais no regime dos soviets. O governo tomou a seu cuidado os artistas e os sábios. Criou uma *Casa da Literatura* e da

Arte, espécie de cooperativa, e também uma *Casa da Ciência*.

«Graças a Máximo Gorki, em grande parte, mas também às inteligências mais construtivas do governo bolchevista, organizou-se já um grupo de asilos, o melhor dos quais, o que tem uma mais completa organização, é a *Casa da Ciência*, instalado no antigo palácio da arquiducal Maria Pavlovna, em Petrogrado.

«Vimos lá funcionar a organização central dum sistema autónomo de raciocínio, que provê, do melhor modo possível, às necessidades de quatro mil trabalhadores intelectuais e respectivos auxiliares, ou seja um total de cerca de dez mil pessoas. Neste estabelecimento, os trabalhadores intelectuais, os seus assistentes e as suas famílias, não só recebem rações de viver, mas encontram também salas de banho, barbeiros, alfaiates, sapateiros, e várias outras comodidades. Constituiu-se um pequeno stock de calçado e vestuário. Os quartos de dormir são individuais, e há uma espécie de hospital, onde se tratam os enfraquecidos e os doentes.

Em Espanha

Em Barcelona grupos de operários atiram contra a policia

MADRID, 5. — Em Barcelona continua a greve geral. A situação é muito grave. Grupos de operários fizeram fogo sobre a policia ripostando a força pública. Falta o pão e o peixe. — *Rádio*.

Realização das obras do porto de Sevilha

SEVILHA, 5. — Paralisaram-se ontem as obras do porto. A noite houve uma explosão junto do palácio arcebispo. Bocados de vidro e de metralha entraram pelas salas do palácio do arcebispo sem haver a lamentar desgraças pessoais. — *Rádio*.

O progresso da aviação

Um aeroplano com 10.000 H.P. de força

PARIS, 5. — A companhia Breguet está construindo um aeroplano gigantesco que será um verdadeiro navio aéreo.

Tem dez mil cavalos de força e um confortável salão para passageiros. — *Rádio*.

A arte e os artistas

A PROPÓSITO DE "A GARRA"

O TEATRO DE HENRY BERNSTEIN

Não é num simples artigo de jornal que pode fazer-se a análise crítica da obra de um escritor consagrado mundialmente como é Bernstein; contudo passarei sucintamente por uma parte do seu teatro, como gato sobre brasas, para conseguir a conclusão que pretendo tirar.

A peça que me sugere estas considerações e que hoje deve ter a sua primeira noite, no velho teatro Ginnasio, não é dos trabalhos mais perfeitos do feliz autor do *Ladrão*, embora revele já na sua factura a tendência de Bernstein para a carpintaria violenta, incisiva, fulminante que o havia de impor como um dos maiores dramaturgos contemporâneos.

Com efeito, *A Garra*, sendo uma peça valiosa, falta a intensidade dramática, os primeiros de técnica, a acção concentrada, rapidamente desenvolvida que nos impressiona, que nos subjuaga, que nos prende. Sendo uma peça com uma personagem masculina onde podem avultar-se todos os recursos dum intérprete, falta-lhe todavia os primores da *La Râle*, de *Samson*, de *Le Voleur* e de *Après-midi*, onde Bernstein se revelou possuidor de uma técnica perfeita e inconfundível.

Estas quatro peças guindaram à maior altura a personalidade literária do seu autor. Perante o vigor da sua carpintaria, perante a intensidade na linha da acção dramática, reduzidas no seu valor técnico. E essas outras peças chamam-se *La Bercail*, *Le Doctor*, *L'Assaut* e *Le Secret*, obras que fariam por si só a reputação de um dramaturgo que não tivesse na sua bagagem artística as quatro peças que lhe consolidaram o nome e que a crítica mundial recebeu com o mais caloroso entusiasmo.

No *Ladrão*, como na *Rafale*, como no *Samson* e em *Après-midi*, Bernstein não se prende com pormenores; vai direito ao fim que procura atingir — imprecisar o público. E consegue-o de uma maneira assombrosa. Estas peças são verdadeiros modelos de técnica teatral; analisando-as bem não se encontra nelas uma scena, uma simples palavra que não seja necessária. As personagens movem-se dentro da sua acção com uma naturalidade prodigiosa. O drama intimista que as anima, é conduzido com a sobriedade tal que nos arrebatava. Ali não há cordelinhos, não há tréus, não há *filles*; tudo é natural, tudo se compreende e justifica.

Referindo-se à maneira de Bernstein fazer teatro, Manuel de Sousa Pinto diz que este autor lhe dá a impressão de despir o casaco e arregaçar as mangas ao sentar-se à mesa para escrever, a semelhança de um rachador de lenha que precisa ter o dorso bem livre para

acompanhar as pancadas violentas do machado.

A mim dá-me ele a ideia de um destes homens francos, desprendidos de maneiras e de hipocrisias, que dizem as coisas sem subterfúgios, terra a terra, pão, pão, queijo, queijo, por assim dizer, sem papas na língua. Na sua arte não se encontram maneirismos, formas tortuosas para dizer o que sente; tudo é claro, forte e correntio.

Não tem, é certo, a filosofia risonha de Capus e Wolff, as concepções elevadas de Hervieu e Lavedan, o sentimentalismo doce e indulgente de Bataille e Donnay; mas possui o imprevisível que suspende os espíritos em ânsias infinitas, o *frisson* que arripia as almas sensíveis, a violência teatral que actua sobre os corpos, fustigando-os como vendaval desfeito.

Sendo grande na efabulação teatral, Bernstein tem porém falhas na estrutura psicológica das suas figuras. As suas heroínas são falsas, irreais, vivem apenas no mundo nebuloso da fantasia que as criou.

Mariza Voisin, a cleptomana do *Ladrão*, que rouba para comprar enfeites com que agrade ao marido, é um verdadeiro aborto. O seu acto é absurdo, incompreensível, como tudo quanto é forçado. Não existe no mundo real pessoa com uma compleição moral tão destrambelhada. Essa outra, a protagonista do *Segredo*, que se compraz em praticar o mal, também é forçada, de masiadamente *detrageur*. Não vive sobre a terra, para glória da raça humana, mostro de tal jães.

Hélène Lebourg, como Irene Bourgade, também tem falhas psicológicas, mas a beleza das peças onde essas figuras se agitam faz-nos esquecer esse pormenor para seguirmos apenas, com ânsia irreprimida, com entusiasmos refractários, a acção que em torno delas se vai desenrolando.

No seu teatro, Bernstein não procura defender teses nem elaborar temas complicados.

Não tem a guilão na arte um alto objectivo, um daqueles grandes problemas sociais que tortura preceptivamente os pensadores e alguns artistas. Faz arte pelo simples prazer de fazer arte; faz teatro para mostrar apenas que o sabe fazer. Não é um filósofo, o partidário de uma causa ou ideal que procure defender ou impor. Quanto lhe ficaria devendo a posteridade se ele perdesse as enormes faculdades de trabalho, o seu génio dramático, a sua inspiração ao serviço dum bela causa, de uma ideia redentora — como faz Brieux, seguindo as teorias e os ensinamentos que nos vieram do norte — como as raças benéficas de renovação!

Jesus PEIXOTO.

AS GREVES

Ferrovários do Estado

Nota officiosa

Realizou-se ontem, nos arredores de Lisboa, uma reunião a que assistiram delegados deste Comité, reuniram a que compareceu o pessoal em greve, de todas as categorias, que se encontrava em Lisboa.

Resolveu o pessoal grevista nessa reunião, continuar em greve até à solução definitiva do movimento, através de todos os sacrificios e ameaças.

Mais uma vez foi deposta nas mãos deste Comité a confiança da classe ferroviária, que apenas confia nas suas resoluções e no que elle entenda determinar-lhe, a bem da mesma.

De Beja, Casa Branca e Barreiro foram recebidas notícias absolutamente satisfactorias, confirmando a disposição do pessoal em continuar a greve.

Continuou ontem este Comité com os trabalhos para estabelecer as condições para o acordo definitivo, sobre que há-de ser solucionada a greve.

As mentiras e as infâmias lançadas pelos jornais à publicidade, conjuntamente com as informações de Raúl Esteves e dos seus sequeles, tem sido recebidas pelos ferroviários com desprezo e repugnância, visto partirem da imprensa mercantilista e sem escrúpulos, a soldo dos grandes potentados contra a classe operária. Desprezo é o que todos os ferroviários votam a esses jornais, que oportunamente terão a sua recompensa.

A despeito do director militar fazer afirmações de que tem milhares de requerimentos do pessoal, esses requerimentos limitam-se a um número reduzido, e a maioria dos seus signatários resolveu não se apresentar ao serviço, sem que a greve termine.

Se o mesmo director alimentasse o desejo de ver entrar os ferroviários nos serviços, de cabeça baixa e curvados às suas imposições, desludisse-se, porque se as condições para a solução do movimento lhes não convierem, propostas como são pelo governo, elles entrarão ali altivamente, desprezando todas as ameaças, visto que enquanto esses homens estiverem no lugar que occupa hoje nunca mais serão normalizados os serviços, nem haverá sossego nos Caminhos de Ferro, utilizando-se assim todos os meios legítimos em defesa de 12.000 homens.

Dizem os jornais que vão chegar ao Barreiro vinte comboios com carvão, para abastecer a população de Lisboa. Também dizem que os serviços do Mi-

nho e Douro estão normalizados, quando não possuem máquinas nem tem a a mais leve possibilidade em conseguir transformar em factos as suas afirmações.

Não mintam mais, não iludam mais a opinião pública, tenham ao menos consideração e respeito pelo poder militar e do Estado, que mantem em seu proveito, pondo de parte as falsidades de que tem lançado mão, que hoje toda a gente conhece e que envergouham o militarismo e o governo que as consente.

Confessem ao menos os roubos que se tem praticado nos Caminhos de Ferro depois que foi declarada a greve e o caos e a confusão que lavram no Sul e Sueste e no Minho e Douro. Ao menos tenham honra.

Encontram-se presos em S. Julião da Barra, alguns ferroviários, pelo simples delito de serem grevistas, o mesmo sucedendo em Faro onde, há mais de 30 dias, se encontram na cadeia civil camaradas nossos, todos sem culpa formada, à disposição do poder militar, contra as leis do país, visto que já deviam estar entregues ao poder civil.

Não ananhem mais os princípios basilares da República, já que os nossos preteitos por mais violentos e energicos que sejam não conseguem fazer-lhes recuar. Onde estão as afirmações liberais do governo do sr. Liberato Pinto, contidas na sua declaração ministerial?

«Achar-se háo nas violências praticadas no Barreiro e na ocupação militar, absolutamente injustificada?

«Além do auxílio prestado pelas outras classes, recebemos para os ferroviários 250000 dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos.

«Secundando a acção da classe operária foi directamente entregue ao Comité Ferroviário a importância de 80540, produto de uma subscrição feita entre sargentos, cabos e soldados de uma das unidades militares de Lisboa.

Também um ferroviário entregou ao Comité a importância de 10500, destinada a robustecer os auxílios prestados aos seus camaradas. — *Comité Central dos Ferroviários do Estado*.

No Porto

A greve do M. e D. mantém-se — Os comerciantes querem a sua solução — A União dos Sindicatos e o movimento ferroviário

PORTO, 30. — A greve ferroviária continua a manter-se heróicamente. É mercê desta circunstância os comer-

cientes, que vêm aproximando-se. O Natal, tem confiado o seu desejo de que ela termine o mais breve possível. Agora, como sentem a necessidade de desparhar, ou importar de várias terras, produtos próprios da colheita, não incitam as autoridades, os governantes, a conservarem-se irredutíveis. Simplemente, aconselham a que diligenciem o termo da contenda. É um prejuízo colossal para o comércio, e de prejuízos — coitados! — já é este cheio. Depois, os furtos, que se afirma, continuam nos caminhos de ferro. Dizem que de Contumil desapareceram 25 sacos de batatas, que em outro sítio, parece que em Ermesinde, estavam abandonados algumas máquinas de costura, e que dentro do túnel de S. Bento, no solo, apareceram algumas máquinas de escrever.

Não há, portanto, segurança nenhuma nas remessas. Ponderando nestas normalidades eloquentes, a Associação Commercial já teria intervido no sentido de apelar para o governo, a fim de atender os grevistas — se não tivesse a impedir-lhe o gesto a salvaguarda da incógnita, pôsto que, a princípio, aconselhou o Gráfico a portar-se fêto. No entanto, vontade disto não lhe falta.

A atitude assumida pelos ferroviários militares das Linhas do Sul e Sueste caiu na alma dos ferroviários, que, onde quer que aparecem, aplaudem, radiantes, a energia dos mobilizados, que demonstra, iniludivelmente, o grau de consciência que o explosivo conhecimento, junto com este facto, o conhecimento de que o sindicato está efectuando reuniões, não só para se pronunciarem sobre o empréstimo a fazer à União Ferroviária, por intermédio da União dos Sindicatos, mas também para se preparar para um movimento de carácter geral no caso do novo (ou novos) governos não solucionar o conflito, — tem animado muitíssimo os ferroviários, que estão esperando na sua vitória. Entre eles, avança-se até a posse, aliás justíssima e necessária, dos Caminhos de Ferro para a sua direcção.

A União dos Sindicatos Operários reuniu hoje, em conselho federal, pronunciando-se, de preferência, com o conflito ferroviário. Os delegados, exprimindo a sua satisfação pelo modo como os sindicatos estão a corresponder ao apelo feito pelo União, não só concordando para o referido empréstimo, mas igualmente remetendo listas de subscrição para serem endereçadas a C. G. T., salientaram a enérgica resistência dos grevistas, que tem excedido toda a expectativa.

De passagem, foi apreciado o gesto dos ferroviários militarizados do Sul e Sueste que, contra os rigores dos códigos militares, afirmaram, a par da valentia, a sua liberdade de consciência, dando um exemplo digno de registar e de ser seguido por todos os escravos modernos. Na acção foi exarado um voto de louvor por tam arriscada manifestação de solidariedade para com os seus irmãos de sofrimento. Foi também deliberado saudar todos os ferroviários em luta, exortando-os a persistirem firmes no campo da peleja em defesa da sua dignidade profissional e dos seus interesses morais e materiais, vencendo a afronta dos governos, especialmente do que lhes causou esta situação, — o do Gráfico.

A União, aproveitando o ensejo, comunica que, doravante, a sua sede é na rua do Entreprezados, 33, 1.º.

Quando estava a fechar a presente carta, fui informado de que uma força de infantaria de linha, cercara a sede da Cooperativa dos Maquinistas, prendendo todos quantos lá se encontravam dentro, não se respeitando os seus direitos, nem mesmo os caixeiros. Dias antes, uma força de infantaria de linha, cercara a sede da Cooperativa, prendendo todos quantos lá se encontravam dentro, não se respeitando os seus direitos, nem mesmo os caixeiros. Dias antes, uma força de infantaria de linha, cercara a sede da Cooperativa, prendendo todos quantos lá se encontravam dentro, não se respeitando os seus direitos, nem mesmo os caixeiros.

A «normalização»

Sobre a decantada normalização dos serviços ferroviários, recebemos a seguinte carta:

Camada redactor de A BATALHA. — Para que o público conheça de perto como correm velozmente os combates no Sul e Sueste, deixo que o serviço se encontra ali normalizado, segundo o affirmo, e não o director Raul Esteves, apaz-não relatar uma viagem que um meu amigo fez naquelas linhas no passado dia 19.

Saindo na noite da estação de Portimão, às 12,30, com destino a Lisboa, chegou somente ao terminus da sua viagem ao dia 21, pelas 20,30, tendo feito aquele percurso, que são os caixeiros, em 36 horas, o que equivale a um atraso de 36 horas e cinco minutos.

É tam curioso o relato da viagem e da marcha vertiginosa de um comboio que o comboio trazia, que é digno de ser conhecido.

O comboio saiu de Portimão às 12,30, depois de percorrer 30 quilómetros, chegou a 6,45, ou seja um atraso de 5,27 da tabela, em que Raul Esteves achava deplorable. Ficou relido na serra, próximo ao lugar do Monte Ruivo, e ali permaneceu 15 horas e 45, onde a máquina, abandonando 3 vagões, foi a Messines: levar o resto, 3, pois que a carga era demasiado pesada para a máquina. Chegou a Messines, em fim a Messines, gastou 20 horas em manobras, partindo às 15 horas de 20 para Beja, chegando em 12,45 de atraso, gastando, naquele percurso, que é de 130 quilómetros, 17,20, ficando novamente em atraso durante 5,30. Pelas 10 horas de 21 chegaram-se que tinham que errar o comboio até Lisboa, percurso que é de 164 quilómetros, no qual se gastou 15,30, ou seja um atraso de 7,30.

A este meu amigo, que teve a felicidade de poder viajar em 1.º classe, os seus ossos fazem-lhe ainda lembrar, pelas dores que sente, aquela reconvalescência. Viagem, os protestos que durante aquelas manobras, os caixeiros ouvia a todos os passageiros do comboio, contra o director de papelão que, de mãos dadas com qualquer coisa que lhe paria a cabeça, se recusava a reconhecer a situação, e o causador desta situação, onde só se perde com tempo... e quem tem nesta altura é o Estado que criminalmente assiste à destruição do material ferroviário. A. T.

A atitude das classes operárias do Pôrto

No dia 1.º do corrente reuniu o pessoal da Companhia Carris de Ferro do Pôrto, que, entre outros assuntos, apreciou a actual situação do conflito ferroviário, sendo por unanimidade aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar todo o apoio moral e material aos ferroviários em luta e bem assim colaborar com os seus irmãos de sofrimento. 2.º Saludar os camaradas militarizados do Sul e Sueste pelo seu outro lealdade. 3.º Protestar contra o alheamento que se poderes constituídos manifestam por tam momento assustado.

— Os operários tamamqueiros por-

tuenses, na sua última assembleia geral, resolveu, sobre a greve dos ferroviários, emprestar-lhes do cofre associativo, a quantia de 100\$000, bem como entregar-lhes 50\$000, produto duma subscrição tirada pela classe, manifestando assim a sua solidariedade para com aqueles trabalhadores em luta, solidariedade que irá, se tanto for necessário, ao abandono e consequente paralisação do trabalho, auxiliando qualquer movimento geral como protesto contra todos os que tem pretendido esmagar esse grandioso movimento, que é já uma glória da organização operária.

Também os operários alfaiates do Pôrto, na assembleia magna de terça-feira, expressamente convocada para apreciar a situação da classe ferroviária, aprovaram uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar todo o seu apoio moral e material ao movimento; 2.º Saludar os ferroviários em luta, fazendo votos pela sua completa vitória; 3.º Manifestar a sua solidariedade a C. G. T. em qualquer resolução proferida.

Em Evora

Reuniões dos ferroviários — Várias

EVORA, 3.-C. — Quinta-feira 25, no domingo 28, reuniram os ferroviários em grande número, tendo sido assinado um compromisso de honra para prosseguimento da greve, ou da volta ao trabalho mas com vitória e depois de instruções do Comité Central.

Foram aprovadas propostas dando-lhes poderes ao referido Comité, e de protesto contra as mentiras da imprensa burguesa.

Em conformidade com estas deliberações expediram em 28 um telegrama a Batalha, cujo texto era assim:

«Alô hora telegráfico apresentaram-se serviço chefe José Varela, dois praticantes.

Moral excelente. Notícia Século sábado não tem fundamento».

Este telegrama, que foi depositado às 19,30 e tinha o número 88, referia-se a infundada notícia inserta no Século de sábado, 27, 3.ª página, 3.ª coluna, em que se dizia que o pessoal ferroviário de Evora se havia apresentado ao serviço. Nos primeiros jornais chegados, vimos, surpresos, que tal telegrama não aparecia, motivo porque na nossa correspondência de 29 mandamos largo relato, cópia e recibo do telegrama em questão, mas ohi, surpresa das surpresas, a notícia, mais uma vez, não é publicada.

Desanimados, vencidos, pela contradição, resolvemos, porém, sofrer os nossos impetos e darmos novamente a notícia. Chegou ela a Batalha? Bom chegará! Vemos tentar mas sem grandes esperanças de êxito...

Em conclusão: gastámos tempo e dinheiro inútilmente, mas não nos zangamos por isso... São ossos do ofício... Contra estes precalços há entretanto um excelente antídoto: a firmeza dos ferroviários! É isso que importa e é isso que mais arrêla os «coleccionadores» de telegramas e cartas... Vivam os camaradas ferroviários!

Tendo alguns operários cortejos procedido à carga de alguns vagões de cortiça, foi feita reclamação ao respectivo sindicato, que acaba de resolver, conforme officio que temos presente, não mais proceder a qualquer descargas enquanto a greve ferroviária não estiver solucionada.

Acabamos de ser informados do seguinte, cuja confirmação até à hora de fecharmos esta correspondência não podemos apurar: 5 militares, que estavam fazendo serviço na ponte de Páramanca, situada entre Tojal e Monte das Flores, deixaram armas e fardetas e foram... tomar ar...

Em Olhão

Uma sessão magna do operariado local

OLHÃO, 30.-C. — Realizou-se no dia 27 mais uma sessão magna, a convite da U. S. O., que se efectuou nas salas do Sindicato dos Soldadores. Falaram os camaradas Augusto Cesar da Silva, pela U. S. O., Manuel Rodrigues, pela Construção Civil, e o delegado especial da C. G. T., que exprobaram o procedimento dos governos perante o justíssimo movimento dos ferroviários, apelando para a consciência dos trabalhadores para que aquillem por todos os meios aqueles valentes camaradas.

Facto digno de registo: Cá fora, um tenente da guarda fiscal, deveras entusiasmado, apoiava por inúmeras vezes, os oradores.

Foi depois aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Exigir do Estado a solução imediata do conflito ferroviário, revogando os decretos «monstros»;

2.º Auxiliar a greve ferroviária na medida possível, declarando, se necessário for, a greve geral;

3.º Continuar em sessões de protesto até a queda da greve ferroviária;

4.º Saludar os camaradas ferroviários que se encontram presos na Bastilha de Faro há mais de trinta dias, sem culpa formada;

5.º Enviar na integra a cópia da moção para o nosso jornal A Batalha.

Foi depois apresentada uma proposta para que fosse aberta uma queta a favor dos ferroviários em luta, a qual foi aprovada por unanimidade, rendendo 1975, quantia esta que já foi entregue em Faro ao respectivo Comité.

Em Silves

O operariado manifesta o seu apoio moral e material

SILVES, 5.-T. — Reuniram hoje as classes operárias, com a assistência de delegados da C. G. T., que protestaram contra a demora na solução do movimento ferroviário, dando-lhe o seu apoio moral e material.

Em Beja

A acção da União dos Sindicatos Operários

BEJA, 1.-C. — A U. S. O., em reunião de delegados na noite de 28, p.º, deliberou enviar representantes seus, a diversas povoações, divididos em dois turnos.

Foi para Alentejo, onde na noite de 27, um para Alentejo, realizou-se uma importantíssima reunião, sendo debatida a questão ferroviária, com grande entusiasmo manifestado pelo povo. No fim foi aberta uma queta, que rendeu 1065. Seguindo a Ervidel, no dia 8, realizou, pelas 21 horas uma reunião, que esteve bastante concorrida, na qual mostrou a sua solidariedade para com os ferroviários. Por proposta com o camarada da Associação dos Rurais, foi retirado do cofre da mesma, a quantia de 12\$000, revertendo em auxílio dos grevistas.

Outro turno, no dia 28, na vila de Serpa, realizou duas sessões, durante as quais se discutiu, sendo uma de tarde e outra

A BATALHA

no Pôrto

As prisões de operários — Es-

panca-se no Aljube?

PORTO, 30.-C. — Aqui há duas semanas, por ordem do intendente Vieira Marques, foram presos os operários Alvaro Cerdeira, Ramos e Costa. Acusados, principalmente o primeiro, de serem os autores e distribuidores de um manifesto do Partido Vermelho, que não se sabe onde existia, e por cuja questão tinha sido detido, anteriormente — já em liberdade — o tipógrafo Moreira Gomes, que em casa tinha algum material gráfico e uma pequena Minerva. A alardear o caso, comunicou para os jornais que o Cerdeira era um bolchevista perigoso, expulso como tal do Brasil. Passaram os 8 dias da praxe e, como não houvesse provas para formar o processo respectivo, propôs-se soltar o Cerdeira, como da praxe era também. Este, que de antemão tinha a certeza que a sua liberdade era um pró-forma, pois prendê-lo-iam novamente à saída do Aljube, não queria sair — Para que se tornava precisa a farsa? Segundo informações, porém, puzeram-no fora aos empurrões; e uma vez na rua, deram-lhe, de novo, voz de prisão, para averiguações, encerrando-o outra vez na prisão pelo lado da esquerda, para que se não dissesse que entrou pela mesma porta. Vieira Marques, conforme declaram, está no propósito de repetir, sempre, esta farsa, esta violência, até que Alvaro Cerdeira confesse... o crime, quando parece não ter com o manifesto aludido.

A polícia apreendeu uma mala a Cerdeira, que com ela se cobria no ergastulo da República, alegando que lhe pertence ao exército. Ora a mala não tem as marcas nem o número que costumam ter as da tropa, e o facto de se parecer com as mantas do exército nada indica, visto que ele não tirou o privilégio daquela qualidade e feito. É uma extorsão injustificável. Mais consta que o preso Costa fôra agredido, barbaramente espancado, por não querer confessar talvez o que não praticara — motivo porque o Núcleo Sindicalista tornou público o seu protesto. Pelo visto o Aljube está, à ordem de Vieira Marques, transformado em Inquisição, o que não joga bem com os princípios republicanos, a não ser que eles se irmanassem com os princípios dos integralistas, que eles tanto combatem. Bom será que se não repitam as cenas de barbarie e que não estejamos sujeitos aos caprichos e cataduras dum minúsculo tiranete...

Logo que não há provas, não se pretende consequência pela pancadaria: impõe-se a soltura do acusado. Logo que a mala, ou outros objectos quaisquer, não pertencem a estranhos, entregue-se ao dono, porque a polícia não tem poder para se apoderar do que não lhe é pertença. A não ser que calissemos num império de desmandos de toda a ordem, em que cada polícia faz o que lhe apetece. Entendidos?

Prisões arbitrárias

Na sexta-feira à noite foram postos em liberdade os operários Ernesto Bonifácio e Carlos Pedro Nolasco, que estiveram presos 9 dias, não sabendo qual o motivo da sua detenção, como sempre sucede.

O Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto, na sua última reunião, votou uma moção de protesto contra as prisões das camaradas Costa, Cerdeira e Ramos, que desde meados do mês passado se encontram detidos, acusados de serem autores dum manifesto revolucionário, tendo sido maltratados pela polícia a pontos de espantarem o camarada Costa.

O Sindicato dos Tamenqueiros Portuenses resolveu auxiliar o seu camarada Alvaro Duarte Cerdeira, enquanto se conservar preso, e o Sindicato dos Operários Alfaiates do Pôrto, na sua última reunião, aprovou uma proposta de protesto contra as últimas prisões de operários, especializando os camaradas alfaiates de Lisboa, protestando ao mesmo tempo contra a prisão do camarada Ribeiro.

JOVENS SINDICALISTAS

Núcleo de Belém. — Reuniu ontem a comissão administrativa, que resolveu, entre outros assuntos, convidar para a próxima reunião os camaradas ferroviários e 500 para os jovens presos por questões sociais, bem como suspender José Carlos Nunes até à próxima assembleia geral a fim de apreciar o seu procedimento.

Subsistências

A Federação Nacional das Cooperativas continuam a chegar reclamações das Cooperativas expondo a especulação desenfreada que se está fazendo na provincia à volta do açúcar, pois a Cooperativa de Salvaterra de Magos depois de exportar a especulação que se está fazendo com este género diz que só ela recebera do colonial e conta que, quando em Julho a Cooperativa distribua azeite aos seus associados pelo preço que o tinha comprado, segundo a primeira tabela, o comércio aproveitava o estar na Cooperativa um caixeiro o novo enviava um rapaz fazer a compra de meio litro de azeite iludindo o mesmo caixeiro, dizendo que era sócio da esquerda o cartão, levando a Cooperativa aos tribunais onde a fizeram pagar 1.500\$000 de multa.

Noite, sendo ambas muitíssimo animadas. Foi aberta uma queta que rendeu 14870.

Na Aldeia Nova de S. Bento, no dia 29, realizou o mesmo turno, na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, um sessão abordando a mesma causa, encontrando-se todas as casas repletas de gente, sendo aberta uma queta que rendeu 2905.

No dia imediato foi levada a efeito outra reunião da mesma natureza, na aldeia de Val de Vargo, que da mesma forma apresentou grande importância, e em seguida foi aberta outra queta que deu o resultado de 14875.

Em todas as reuniões, foi debatida a questão ferroviária, e condenada a negligência e irresponsabilidade dos governos, que aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Afirmar o seu enérgico protesto contra o indolentismo dos governos perante a questão ferroviária;

2.º Secundar as deliberações da C. G. T.;

3.º Dar todo o seu apoio moral e material aos nossos camaradas ferroviários, que tam nobremente se tem sabido manter em luta.

Vende-se na Rua da Bica do Sapato, 16-A.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Encomendadores e Anexos. — Relatou ontem a assembleia geral, tratando da eleição do officio da Federação do Livro e do Jornal sobre o próximo movimento, o presidente de saluão, sendo resolvido officiar a seguinte ordem: 1.º a eleição da forma de pensar desta classe acerca do assunto. 2.º Proceder-se em seguida à eleição da nova gerência sindical e outros cargos, reatando nos seguintes camaradas: que brevemente tomarão posse:

Comissão administrativa. — Secretário geral, José Matos dos Santos; secretário adjunto, António Teles; secretário adjunto, Raul Garrido; tesoureiro, José da Cruz Fonseca; tesoureiro adjunto, João Pinto de Araújo; vogais, Armando Ramos e Henrique Pereira.

Assembleia geral. — Secretários, José António da Fonseca e António Monteiro.

Comissão revisora de contas — Alfredo Luis Nogueira, Rafael Ramos e José António da Fonseca (relator).

Delegados da Federação do Livro e do Jornal — José Matos dos Santos e Adolfo Tremonilhas.

Delegados da União dos Sindicatos Operários — Manuel Alonso e Eugénio de Sousa. Trataram-se em seguida assuntos vários, apresentando-se, para o cargo de secretário, a proposta de Manuel Alonso, e para o de tesoureiro, a proposta de Eugénio de Sousa. Foi resolvido, por proposta dum camarada, contribuir-se do cofre síndical com a quantia de 5000 para os heróicos camaradas ferroviários. 3.º Para o camarada Manuel Mario Ramos, componente deste sindicato, preço por questões sociais.

A direcção reúne na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, a fim de ultimar os seus trabalhos.

CONVOCAÇÕES

Federação da Indústria de Calçado e Couros e Peles. — Reunião hoje, pelas 21 horas, o conselho federal para tratar de um assunto de interesse para a organização, nomeadamente a competência de todos os delegados.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão de melhoramentos. — Para assunto de grande urgência, são convidados os camaradas que foram nomeados delegados para o próximo congresso, a comparecer hoje, na sede, sem falta, pelas 15 horas.

Comissão administrativa. — Extraordinariamente reúne hoje, pelas 21 horas, de comparecer todos os delegados, visto os assuntos a tratar serem de grande urgência.

Operários Alfaiates. — Convidam-se os membros das oficinas sindicais a reunir hoje, às 21 horas, para um assunto urgente.

Confrontos...

Pedem-nos a publicação da seguinte carta, onde, como o leitor verá, se põe em confronto a situação dos que trabalham e dos que exploram, com exemplos bem frísantes:

Sr. redactor de A Batalha. — Como o vosso jornal sempre tem pagado pelos interesses dos trabalhadores, e particularmente da humanidade em geral, e como sempre tem esforçado, na medida do possível, por demonstrar ao publico o estado das condições de vida do trabalhador, e particularmente a humilde carta, na qual, vou afirmar coisas não com palavras vãs, mas com factos comprovados. No tempo do extinto coronel António de Almeida, o azeite estava a 800 e o mesmo que compram a 1200, ganhando, ou por outra, roubando 5000 em litro, como o tem feito a União Fabril.

Assim, a União Fabril, que tem vendido a 800, no nosso mercado a 800, e que, sem exigência de sacaria, estando cada saca a 600, e vendida a 800, batata francesa e holandesa, isto é, o mesmo, visto que, enquanto todos os países se esforçam por diminuir a carestia da vida e minorar o sofrimento do povo, em Portugal sucede o contrario: a carestia e a miséria crescem, e o luxo dos novos ricos comerciais, — De V. etc. — R. P. Mesquita.

Operários municipais

Realizou-se ontem uma reunião magna dos operários municipais, falou o camarada Antonio Rosa, que lamenta a falta de muitos operários que deviam estar lá, especialmente os despedidos e suspensos. Referiu-se a proposta apresentada na Câmara pela sr. Magalhães Peixoto, que foi aprovada pelos vereadores, sobre a admissão de todo o pessoal; porém não tem procedido a seguir, a doutrina da mesma proposta, porquanto tem sido exercidas represalias. Acrescenta que a comissão de melhoramentos da F. N. R. irão entrevistar a vereação para tratar da situação dos operários despedidos e suspensos.

David Augusto entende que os camaradas despedidos deviam desistir de voltar aos serviços da Câmara, com o que a assistência não concorda, acentuando que a camarada Rosa que seguindo esse criterio ficariam abandonados aqueles que mais tem trabalhado pelas classes municipais.

Na mesma ordem de ideias falam os camaradas João Gregório, Jaime Tiago e Joaquim Cintrão, que presidiu, apelando para que cada vez mais se unifique e solidarize cada vez mais para que os sindicatos não sejam derbados e possam com mais coragem e boa vontade conquistar aquilo que perdiam.

Foi dado um voto de louvor e confiança à comissão que tem trabalhado pelos interesses de todos.

São convidados todos os camaradas despedidos e suspensos a comparecer hoje, das 10 às 20 horas, no Sindicato de Limpeza e Sanidade Pública, travessa Agua de Flor, 16, 1.º para darem os seus nomes a fim de tratar-se da sua situação.

Também na mesma sede devem comparecer hoje, pelas 19 horas, prefeitos, os componentes da comissão de melhoramentos dos operários municipais e em especial os camaradas Raul da S. Formiga, David Augusto (1.º e 2.º), João Gregório e Gregório António Pedro.

Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles, do Pôrto

Para a constituição do sindicato unico da industria, devem reunir amanhã, pelas 18 horas, na rua de Santa Helena (salão dramático), próximo à rua do Paraíso, no Pôrto, em reunião magna, os operários tamamqueiros, surradores, curtidores, gaspadeiras, manufactores de calçado, etc.

Nesta reunião será lido e aprovado o projecto de estatutos porque se há de regular o sindicato e serão nomeados a comissão administrativa, conselho técnico, bolsim de trabalho e caixa de solidariedade.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

UNIVERSIDADES E ESCOLAS

Universidade Popular Portuguesa. — Brevemente nesta instituição de educação popular, (no Campo de Ourique) iniciará o professor Emilio Costa uma série de conferências sobre A organização moderna do trabalho. A entrada é livre.

A BATALHA

Ultimas notícias

A situação na Grécia

O «Diadoque» não é como seu pai um símbolo de traição

PARIS, 5.-O sr. Georges Leygues fez as seguintes declarações: A nota que foi enviada para Atenas está perfeitamente redigida.

Só nos resta precisar que sanções serão tomadas no caso da Grécia eleger o ex-rei Constantino, quando então as nações aliadas retomarem a sua liberdade de acção.

Estou no entanto absolutamente convencido que se poderá chegar a um acordo no que diz respeito a estas sanções. Os acontecimentos que se estão desenvolvendo na Grécia terão influencia no Tratado de Severs o que é um problema importante e que pode ter muitas soluções.

Não é muito conveniente como se concebe facilmente falar agora demasiado a este respeito.

Referindo-se ao Diadoque o sr. Georges Leygues disse que este também se tinha comprometido bastante mas que não era seu pai o símbolo da traição. Foi a traição e a deslealdade do Rei Constantino quem unanimemente provocou a nossa condenação. Estou convencido que as nossas deliberações terão uma solução muitíssimo satisfatória. — Rádio.

Se o rei Constantino voltar...

PARIS, 5.-A conferência de Londres terminou no sábado por uma medida muito importante que marcou um acordo completo entre os ministros franceses, ingleses e italianos sobre o problema grego.

Foi enviada uma nota em que se declara que se Constantino voltar ao trono os ministros em Atenas das três potências e as duas comissões que ajunciam notificarão ao governo grego que o seu concurso financeiro lhe é imediatamente retirado pelo simples facto da chamada do ex-rei. — Rádio.

A aliança franco-britânica

E' preconizada por altas individualidades inglesas

PARIS, 5.-O discurso que Lord Derby pronunciou em Manchester sobre a necessidade de transformar em pacto de aliança a Entente franco-britânica teve um enorme eco em Inglaterra.

Lord Sydenham, que depois de ter desempenhado importantes funções na administração colonial foi encarregado de várias missões diplomáticas diversas vezes, mostra-se também convencido da necessidade de uma aliança franco-britânica, da adopção de aldeias devastadas da França pelas municipalidades inglesas da construção do túnel sobre a Mancha, o que tudo concorrerá para um apêto mais íntimo das relações entre